

É do futuro da educação que queremos cuidar. Juntos podemos fazê-lo.

Constatamos que o modelo escolar dominante, o de hoje muito idêntico ao de ontem, apresenta demasiadas fragilidades quando queremos que esta escola, hoje por princípio aberta a todos, seja ao mesmo tempo a escola que acolhe e promove cada um.

Construímos ao longo dos últimos quarenta anos uma escola democrática e essa é uma conquista que celebramos e em que não se pode retroceder. Mas esta escola está ainda longe de ser justa, sendo mesmo profundamente injusta para uma franja demasiado larga da população.

A justiça e a esperança de que a educação escolar se deve revestir, todos os dias, requerem um novo esforço, um grande e belo desafio, uma renovação educacional profunda.

A escola tem de prosseguir e aperfeiçoar a sua capacidade de formar crianças e jovens competentes, capazes de aceder ao conhecimento pertinente e oportuno, sempre, ao longo de toda a vida. Mas sabemos também que quanto mais a educação escolar se fecha na mera preparação para os exames e no desenvolvimento de apenas uma ou duas facetas da nossa inteligência, mais as crianças e os jovens se vêm impedidos de se desenvolver como seres humanos livres e solidários e fazer face aos complexos dias que se avizinham. A competência que defendemos não é unidimensional, mas múltipla, poliédrica, articulada, apta a ligar-se cooperativamente.

A escola tem de prosseguir o seu esforço para acolher e educar todos os cidadãos, imersos hoje num mundo tecnológico que os desafia e lhes abre imensas oportunidades, mas também os atola na desconcentração e na desorientação. Sabemos que só uma profunda capacidade de atenção e concentração permitem a cada um perceber o mundo em que vive e descobrir-se a si e aos outros, para ser capaz de viver em comum e em paz. Como pode hoje a escola responder a este repto?

Um modelo organizacional e curricular inflexível não serve. Um modelo pedagógico apenas centrado sobre a preparação de alunos para testes e exames é muito pobre e dificilmente justifica o tanto que o sistema educativo custa ao país, ou seja, a todos nós. Alunos passivos e treinados a aceder e utilizar os conhecimentos fragmentados e estanques não servem o presente e muito menos o futuro, quando as organizações políticas, sociais e económicas pedem hoje aos cidadãos capacidade de iniciativa, de criatividade, de empreendimento, de cooperação e solidariedade.

Se não dão a volta para melhor responderem a estes desafios, as escolas empobrecem-se como instituições de educação e empobrecem as crianças e os jovens, comprometendo o seu futuro.

Há uma elevada percentagem de alunos que não suporta este modelo curricular rígido e monolítico, repetitivo e meramente disciplinador, que pede que estejam sentados e passivos, que não estimula a atenção e a concentração, que não incentiva o estudo e a pesquisa, nem desenvolve o pensamento crítico, tão decisivo no mundo que em que vivemos e sobretudo no mundo que queremos.

Temos de nos comprometer com o desenvolvimento pleno dos nossos alunos como pessoas, desafiados a construir projetos de vida neste contexto sociocultural tão cheio de oportunidades e ao mesmo tempo tão desarticulado, fragmentado, líquido, injusto. Isso implica mudar o modelo dominante de ensino-aprendizagem, desde a sala de aula até à governação da escola.

Recusamos o caminho da culpabilização seja dos alunos, seja dos professores, seja dos pais que não apoiam os alunos. Esse é o caminho mais usado e é exatamente o mais errado, que só nos amarra mais os pés!

Recusamos esta gramática escolar e a sua rigidez curricular que deixa para trás mais de 30% dos alunos, recusamos modelos organizacionais e pedagógicos que promovem o isolamento profissional dos professores e escolas de mero *download* informativo, recusamos salas de aula de alunos espetadores e repetidores acríticos.

Recusamos a segura antropológica e axiológica da educação e das escolas, pois quanto mais ela cresce, mais definha toda a capacidade humana para nos pensarmos a nós mesmos e ao mundo que criamos. Optamos por formar pessoas competentes e eticamente fortalecidas, pessoas boas e comprometidas com o bem comum.

Queremos uma escola em que os alunos contem, não apenas como objetos de aprendizagem, mas como sujeitos de conhecimento e de desenvolvimento, de participação ativa na escola, com voz, com autonomia e com responsabilidade.

Felizmente, a ousadia e a coragem, a visão alternativa e a determinação habitam em muitas escolas portuguesas, que já caminham neste sentido: integração curricular, processos rigorosos de ensino por parte dos professores e de aprendizagem por parte de cada um dos

EDUfuturo

:: Rede de Escolas para a Transformação da Educação ::

alunos, ambos apoiados na ação inteligente e na investigação, no trabalho em equipas, na cooperação e no desenvolvimento da multiplicidade de inteligências humanas, em escolas com espaços amplos e multifuncionais, onde diferentes grupos, na mesma sala, aprendam por caminhos e ritmos diferenciados, apoiados por vários docentes, trabalhando por projetos e por temáticas que exploram a curiosidade, estimulam a atenção e a concentração, ligam as escolas aos contextos comunitários, desafiam e apoiam a construção de projetos de vida dignos, em liberdade e com autenticidade.

Se houvesse autonomia e liberdade, tudo seria mais fácil. Mas esse tem de ser o horizonte da nossa responsabilidade social e política. Temos de lutar quotidianamente por mais autonomia e por uma efetiva liberdade, pois só elas nos responsabilizam seriamente.

Mas, só juntos o vamos conseguir realizar!

Queremos aprender e caminhar uns com os outros, umas escolas com as outras, potenciando as nossas capacidades e ultrapassando as nossas debilidades.

Este é o sentido e o sentido do aparecimento da iniciativa EDUfuturo. Não podemos mudar este modelo escolar dominante de um dia para o outro. Não o poderemos fazer cada um no seu canto, a remar contra muros e marés. Também não podemos continuar a disparar pequenas mudanças a toda a hora e para todo o lado, sem rumo, sem foco, sem recursos, pois o sistema é avassalador e devora a nossa melhor boa vontade e dedicação, gerando ainda mais frustração.

A iniciativa EDUfuturo é uma plataforma de escolas, ligadas em rede, de adesão voluntária, criada por uma parceria formal entre a Fundação Manuel Leão e a Universidade Católica Portuguesa (Faculdade de Educação e Psicologia, Porto), que reúne escolas e entidades que trabalham pela profunda reestruturação do modelo escolar atual.

Visa congregar escolas interessadas neste processo de transformação, acompanhar os seus dirigentes e docentes em momentos de estudo, investigação e elaboração de projetos de ação e melhoria.

A iniciativa EDUfuturo oferece apoio técnico e científico, supervisão colaborativa dos percursos de melhoria, gradual, sustentada e eficaz, uma equipa de pessoas experientes e competentes, disponíveis para correr riscos e trabalhar arduamente com as escolas.

EDUfuturo

:: Rede de Escolas para a Transformação da Educação ::

A iniciativa EDUfuturo é uma plataforma de mudança, orientada por valores: uma mesa sempre posta para a partilha; a promoção de comunidades de aprendizagem autónomas e competentes; a solidariedade nos momentos mais duros e naqueles de celebração das pequenas e grandes vitórias alcançadas; a esperança a iluminar em cada dia o caminho que será sempre muito difícil.

É do futuro da educação que queremos cuidar, consigo, com a sua escola, juntos.

EDUfuturo :: Rede de Escolas para a Transformação da Educação